



HAL
open science

Recensão crítica, Cristina Fernandes e Rui Vieira Nery (Coords.), Português: Palavra & Música

Ana Paixao

► **To cite this version:**

Ana Paixao. Recensão crítica, Cristina Fernandes e Rui Vieira Nery (Coords.), Português: Palavra & Música. 2023. hal-04319877

HAL Id: hal-04319877

<https://hal.parisnanterre.fr/hal-04319877>

Preprint submitted on 3 Dec 2023

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Recensão crítica

Cristina Fernandes e Rui Vieira Nery (Coords.), *Português: Palavra & Música*,
Lisboa, Caleidoscópio – FCG, 2022.

Ouvir a palavra, dizer a música

Português: Palavra & Música, coordenado por Cristina Fernandes e Rui Vieira Nery, resultou de um colóquio homónimo realizado em dezembro de 2016, em Lisboa, onde um conjunto destacado de investigadores teve a oportunidade de debater as ligações intensas que se tecem entre signos musicais e verbais em língua portuguesa. Vinte e dois investigadores de doze universidades distintas, que vão de Portugal ao Brasil, passando pelos Estados- Unidos e por Espanha¹, assinam os textos que se incluem no volume. Após uma introdução de Rui Vieira Nery, a obra organiza-se cronologicamente da Idade Média à pós-modernidade, em quatro momentos principais: «Raízes ibéricas», «As sociabilidades do antigo regime», «Na malha urbana do romantismo» e «Modernidades e pós-modernidades». Além da extensão temporal, os territórios de análise centram-se fundamentalmente nos «laços culturais profundos e perenes entre Portugal e o Brasil» (p. 9), alargando-se sobretudo no último artigo aos da Lusofonia. Os estudos sobre diferentes temporalidades e espaços abrem-se ainda ao diálogo e ao cruzamento entre diferentes áreas de investigação: da Musicologia Histórica e da Etnomusicologia aos Estudos Literários, e colocam em perspetiva campos que se desenvolvem a novas metodologias, a outros princípios teóricos e a abordagens comparatistas inovadoras. As análises intersemióticas entre signos verbais e musicais dominam a obra, visando a construção permanente de ligações entre ambos e encontrando diferenças fundamentais, uma vez que, como refere Umberto Eco num diálogo com Luciano Berio: «[...] quando a música se mistura com a palavra, fá-lo para afirmar a sua autonomia, e a diferença da sua significação»². Os ensaios exploram diferentes formas de correlação entre as duas artes que podem ir da simples referência temática à coexistência numa obra, da exploração eufónica das características dos signos verbais³ à similitude de técnicas rítmicas, prosódicas ou de construção global dos dois textos em processos de coordenação ou de desestabilização entre ambas.

Desconstruir o passado, repensar os signos

Outro ponto de partida relevante destas leituras intersemióticas de diferentes territórios e cronologias é o posicionamento pós-colonial. Como salienta Rui Vieira Nery no início da obra: «No centro desta reflexão não podem deixar de estar a constatação e a celebração da multiplicidade das expressões artísticas e literárias [...] que sempre caracterizaram, como continuam a caracterizar, a vasta gama dos usos do Português ao longo da História, fruto de contínuos processos de diálogo intercultural multifacetado – muito embora nunca seja demais lembrar que esse diálogo, [...] não se processou num

¹ CESEM – NOVA FCSH - Manuel Pedro Ferreira, David Cranmer, Ricardo Bernardes, Paulo Ferreira de Castro e Manuela Toscano; INET – md, NOVA FCSH - Cristina Fernandes, Maria João Albuquerque, Rui Vieira Nery, Pedro Felix, Susana Sardo; Universidade de Coimbra - Rita Marnoto; Universidade de Lisboa - José Camões; Universidade da Califórnia, Riverside - Rogério Budasz; University of South Carolina - Marcelo Campos Hazan; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - Martha Tupinambá de Uihôa; Universidade Federal do Rio de Janeiro - Luci Ruas, Maria Theresa Abelha Alves; Universidade Federal de São Carlos - Jorge Vicente Valentim; Academia Brasileira de Música - Manoel Corrêa do Lago; Universidad de la Rioja - Teresa Cascudo; Universidade do Porto - Rui Lage; e Nuno Galopim.

² Umberto Eco, «Eco in ascolto», entretien avec Luciano Berio, traduit de l'italien par Peter Szendy et Alain Galliani in Peter Szendy, *Musique : texte, op. cit.*, pp. 95-106, p. 106. Minha tradução para português.

³ A contracapa associa o trabalho sonoro associado aos signos verbais à «própria questão da musicalidade intrínseca da língua».

areópago ideal de diálogo livre entre pares mas antes ocorreu sempre num quadro desigual de relações de poder e resistência que hoje exigem uma leitura pós-colonial atenta» (p.10).

O paratexto inicial delimita deste modo o quadro teórico, crítico e de posicionamento que une os diversos ensaios que se coligem neste volume e que vai para além da mera publicação de atas de um colóquio, uma vez que a temporalidade de publicação entre 2016 e 2022, permitiu aos diferentes investigadores desenvolver o texto e a reflexão incluindo o conteúdo dos debates após as comunicações do colóquio. Um texto particularmente eloquente sobre este alargamento é o de Marcelo Campos Hazan⁴ que especifica de que forma a discussão coletiva durante o colóquio de 2016 permitiu enriquecer a reflexão sobre a temática, assim como as fontes do artigo. A partir de um eloquente debate entre domínios científicos e de um postulado pós-colonial, os ensaios percorrem um vasto caminho que retoma no final o princípio de partida, com o texto de Susana Sardo⁵ que encerra a obra: «As “músicas de cá”⁶, que recortam o mapa da lusofonia, não devem envergonhar-nos porque nos lembram um passado que queremos esquecer. Tão pouco devem servir para celebrar esse passado. Elas devem ser encaradas como instâncias de interlocução e de diálogo e como um contributo válido para a descolonização da memória e do nosso arquivo colonial (p. 588)».

Reouvir a palavra como música

O precioso contributo deste volume para a compreensão das ligações entre música e palavra e, de maneira mais global, para a análise das culturas de expressão portuguesa é inegável, ao coligir pesquisas que propõem leituras inéditas em torno de escritores ainda pouco explorados intersemioticamente, como Camilo Castelo Branco⁷ ou Virgílio Ferreira⁸. Consideram-se ainda essenciais os contributos maiores dos textos de Manuel Pedro Ferreira, Rita Marnoto e José Camões que retomam as conexões entre palavra e música entre o período medieval e o renascimento a partir de ângulos extremamente inovadores. Apesar das numerosas publicações realizadas em torno dos cancioneros medievos, Manuel Pedro Ferreira reinventa em «A Letra e o seu Tom na Cantiga Medieval» (pp. 25-37) os estudos que o próprio já realizou, ao comparar os estilos de Martim Codax com os do rei D. Dinis dos pontos de vista da expressão e da eficácia retórica. Desta comparação resulta uma pesquisa minuciosa sobre os recursos de estilo de que dispunham os autores medievais na junção entre som e palavra. Rita Marnoto, em «*Voluptas Canendi, Voluptas Dolendi*. Palavra e Música em Camões» (pp. 39-62), propõe uma nova escuta sobre o trabalho métrico, rítmico, prosódico e expressivo do autor que traz ao ouvido correlações ainda não exploradas por outros investigadores que trataram da poesia camoniana. Bastará pensarmos nos volumosas publicações que Jorge de Sena, insigne ensaísta e melómano, havia dedicado a esta causa. Do mesmo modo, José Camões em «A Prima Quebrada e outros Parentescos entre Palavra e Música no Teatro Clássico Português» (pp. 63-86) leva-nos para além das referências a perspetivas musicais inauditas de Gil Vicente, António Ribeiro Chiado ou Bernardim Ribeiro, a autores raramente mencionados nas relações entre teatro e música, como Anrique Lopes, António de Portalegre ou António Prestes.

⁴ «O Lundu *Graças aos Céus* de Gabriel Fernandes da Trindade (1799/1800-1854) no Brasil de Ontem e de Hoje» (pp. 215-245).

⁵ «As Músicas de Cá: Cartografias da Lusofonia na Ásia» (pp. 567-589).

⁶ Como especifica a autora: «A expressão “O Mundo de Cá” foi usada pelo Vice-Rei D. Francisco de Almeida em 1505 numa carta ao rei D. Manuel para se referir à Índia e ao Mundo Oriental» (p. 567).

⁷ «A Gaita e o Berimbau em Cenas de Opereta: Uma Leitura de *A Corja* de Camilo Castelo Branco» de Jorge Vicente Valentim (pp. 265-283).

⁸ «Viver e Pensar a Arte: Literatura e Música em Romances de Vergílio Ferreira» de Luci Ruas (pp. 379-393).

Reler a música pela palavra dita ou cantada

Ao contemplarem fontes arquivísticas ainda pouco exploradas individualmente ou em perspetivas analíticas de conjunto, outros estudos destacam-se pela abrangência da investigação realizada, como os de: David Cranmer, «Música Teatral de Texto Português no Reinado de D. Maria I (1777-1816)» (pp. 89-117); Cristina Fernandes, «O Português Cantado nas Práticas Devocionais Luso-Brasileiras dos Finais do Antigo Regime» (pp. 133-153); Maria João Albuquerque, «A Edição de Música Vocal em Portugal nos Séculos XVIII e XIX» (pp. 155-178); Manoel Corrêa do Lago, «Da Imperial Academia de Música e Ópera (1857) ao Congresso da Língua Nacional Cantada (1937): Aspectos do Repertório do Canto em Português no Brasil» (pp. 333-346); ou Vieira Nery, «Modelos Formais e Prática Performativa no Fado Oitocentista: O Testemunho das Fontes Mudadas» (pp. 285-331). Tal como este último, dois outros textos se impõem por introduzirem um vasto leque de repertórios num volume que se pretende aberto ao uso da palavra e da música em múltiplos usos, contextos e variantes. Referimo-nos a «Armas Afinadas: Breve Retrato de Histórias de Pontaria Entre a Canção e a Política em Portugal» de Nuno Galopim, ou «O Espaço das “Letras das Canções” na Popular Music: Espaço de Controvérsias» de Pedro Félix que trazem uma nova vitalidade às pesquisas intersemióticas realizadas em língua portuguesa.

Reescrever palavra e música

Se o campo da análise individualizada de obras que reúnem literatura e música é mais frequente, os textos que aqui se publicam sobre Lopes-Graça e Eugénio de Andrade⁹, ou do mesmo compositor e Miguel Torga¹⁰, assim como de Eurico Carrapatoso e Camilo Pessanha¹¹ exploram as intensões – tensões e distensões internas¹² – geradas pela articulação entre os signos das duas artes. A criação de duetos literários imprevistos ocorre na comparação entre perspetivas musicais e literárias a partir de textos de Manuel Bandeira com Mário Cláudio¹³, ou de Jorge de Sena com Manuel de Freitas¹⁴. A correlação autoral e semiótica cria assim novos caminhos de disrupção e de complementaridade, acentuando a que ponto a música pode ser um elemento temático ou diegético, estético ou paradigmático da escrita literária.

As amplas extensões territoriais, temporais e de repertórios, os princípios metodológicos inovadores, o posicionamento pós-colonial e comparatista, a diversidade temática e de autores, e a descoberta, o estudo rigoroso e inaudito de novas fontes bibliográficas tornam *Português: palavra & música* numa das principais referências da análise intersemiótica literáriomusical a partir de textos e obras em língua portuguesa.

⁹ Paulo Ferreira de Castro, «“Se Escuto, só Oiço o Teu Rumor”: Aspectos do Trabalho Musical de Fernando Lopes Graça sobre a Poesia de Eugénio de Andrade» (pp. 349-364).

¹⁰ Teresa Cascudo «A Poesia é uma Arma Contra a Propaganda: O Caso da *História Trágico-Marítima* de Miguel Torga e Fernando Lopes-Graça» (pp. 365-378).

¹¹ Manuela Toscano, «Eurico Carrapatoso: *Pequeno Poemário de Pessanha*: Da “Luz em um País Perdido” ao “Cruzeiro do Sul”» (pp. 431-519).

¹² A partir do conceito de *intension* de François Nicolas, «Quand la musique écoute la littérature» in Peter Szendy (org.), *L’écoute*, Paris, IRCAM, 2000, P. 155.

¹³ Maria Thesesa Abelha Alves, «Melopoéticos Movimentos em Manuel Bandeira e Mário Cláudio» (pp. 395-419).

¹⁴ Rui Lage, «A Poesia que Escuta: da *Arte de Música* de Jorge de Sena à *Jukebox* de Manuel de Freitas» (pp. 421-429).